

# INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA GRADUAÇÃO: análise simbólica das interações infocomunicacionais na perspectiva da construção de conhecimento<sup>1</sup>

E-mail:  
ecmfernandes1@gmail.com  
claudiopap@hotmail.com  
elianepaw@yahoo.com.br

Erika Campos Martins Fernandes<sup>2</sup>, Claudio Paixão Anastácio de Paula<sup>3</sup>,  
Eliane Pawlowski de Oliveira Araújo<sup>4</sup>

## RESUMO

O estudo ora apresentado é o recorte de uma pesquisa de mestrado que busca identificar e compreender como os elementos simbólico-afetivos se estruturam na constituição das identidades individuais de estudantes envolvidos em projetos de iniciação científica em instituições de ensino superior. Especificamente, busca compreender como esses elementos influenciam na motivação de seus comportamentos durante as interações infocomunicacionais, influenciando atividades de compartilhamento de informações, seus processos autônomos de construção de conhecimento e contribuindo para o estabelecimento de vínculos identitários com a instituição. A pesquisa, ainda em andamento, de natureza aplicada e abordagem qualitativa, foi desenvolvida com base em uma adaptação das obras de Mark e Pearson (2018) e de Pearson e Marr (2007), que descreveram doze tipos de padrões tipológicos baseados no imaginário, e utiliza como técnicas para a coleta de dados uma entrevista semiestruturada e a elaboração de um desenho, seguida de uma entrevista sobre ele. Tem como sujeitos de pesquisa cinco estudantes de graduação do curso de Biblioteconomia, que participaram de atividades de iniciação científica dentro do Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), grupo de pesquisa sediado na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, entre os anos de 2018 e 2019. Nos achados iniciais da pesquisa foram identificados os perfis tipológicos dos bolsistas do grupo, bem como o do próprio grupo GEDII. Espera-se, nas análises posteriores, compreender se o compartilhamento da informação em projetos de iniciação científica pôde ser influenciado pelo alinhamento destes a um dos padrões de estruturação do imaginário.

**Palavras-chave:** Iniciação Científica. Interações Infocomunicacionais. Compartilhamento de Informação. Construção de Conhecimento.

## ABSTRACT

This study is a clipping of a master's research that seeks to identify and understand how the symbolic-affective elements are structured in the constitution of the individual identities of students involved in scientific initiation projects in higher education institutions. Specifically, it seeks to understand how these elements influence the motivation of their behaviors during infocommunicational interactions, influencing information sharing activities, their autonomous

<sup>1</sup> Pesquisa de Mestrado qualificada em 10 de abril de 2020 no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8502-6135>

<sup>3</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9587-2191>

<sup>4</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0949-8760>

knowledge-building processes and contributing to the establishment of identity bonds with the institution. The research, still in progress, has an applied nature and qualitative approach, was developed based on an adaptation of the works of Mark and Pearson (2018) and Pearson and Marr (2007), which described twelve types of typological patterns based on the imaginary, and uses as techniques for data collection a semi-structured interview and the production of a drawing, followed by an interview about it. The research subjects are five undergraduate students of the Library Science course, who participated in scientific initiation activities within the Information and Imaginary Studies Bureau (GEDII), a research group based at the School of Information Science at the Federal University of Minas Gerais, between the years 2018 and 2019. In the initial findings of the research, the typological profiles of the group's fellows were identified, as well as that of the GEDII group itself. It is expected, in the subsequent analyzes, to understand whether the sharing of information in scientific initiation projects could be influenced by their alignment with one of the patterns of structuring the imaginary.

**Keywords:** Scientific Initiation. Infocommunicational Interactions. Information Sharing. Knowledge Building.

## *1 INTRODUÇÃO*

A vida universitária de um estudante de graduação é permeada por experiências únicas, tanto formais quanto informais, que contribuirão para a sua formação profissional e individual. Nesse universo, uma das experiências formais consideradas mais relevantes é a participação em programas de iniciação científica (QUEIROZ, 2014) que promovem a inserção dos discentes em projetos de pesquisa.

A vivência em grupos de pesquisa é perpassada por vários elementos de ordem subjetiva que, por serem calcados nas interações que ocorrem nesses ambientes, podem motivar o estabelecimento de vínculos que influenciam o compartilhamento da informação, ou seja, atuam na relação infocomunicacional estabelecida entre discentes e demais componentes dos grupos e, consequentemente, interferem no processo de construção do conhecimento.

O termo infocomunicacional parte do entendimento expresso em Araújo (2017) e Silva et al (2011), de que a informação se caracteriza não apenas pelo “viés informativo” do sujeito frente ao mundo e ao objeto, mas também pelas condições de compartilhamento, intencional ou não, de informação, o que remete a uma vertente comunicacional envolvendo outros sujeitos. Nesse aspecto, considera-se o indivíduo como um sujeito social, histórico e emotivo, que interage, dialogando em diversos contextos, com a informação, apresentando um viés social, pois o sujeito, na relação com a informação, a dota de significados que são oriundos de sua cultura.

Assim, diante da percepção de que a construção do conhecimento, durante as interações infocomunicacionais, é um processo permeado pelo estabelecimento de vínculos afetivos, os quais propiciam o compartilhamento da informação e promovem a reflexão, a administração e a negociação de significados para a atribuição de sentido à informação, foi proposta uma investigação em nível de mestrado junto ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais. Partiu-se do pressuposto de que os elementos de ordem subjetiva e simbólica, que compõem parte da identidade dos estudantes e os

motivam no estabelecimento de vínculos, agem como potencializadores do compartilhamento de informações durante suas interações com o grupo de pesquisa e, nesse sentido, buscou-se verificar como essa “dimensão subjetiva” poderia influenciar o compartilhamento de informação, a construção de conhecimento, bem como o estabelecimento de vínculo com o grupo, com os orientadores e com a instituição de ensino durante o desenvolvimento de atividades científico-acadêmicas.

Justifica-se a realização da pesquisa pela relevância em compreender como os elementos, que constituem uma dimensão denominada por Paula (2005) como simbólico-afetiva, influenciam a participação dos estudantes no exercício científico-acadêmico, notadamente na motivação de seus interesses, de suas ações e comportamentos que enseja o estabelecimento de vínculos em suas dinâmicas interacionais o que possibilita identificar elementos que normalmente não são considerados quando se investiga o contexto informacional em ambientes de pesquisa. Cogita-se que a identificação das formas como as construções do imaginário se estruturam na constituição das identidades individuais e se envolvem na motivação dos estudantes, para tornar possível a criação de significados, e na atribuição de sentido às ações e aos discursos coletivos, possa oferecer uma significativa contribuição para um melhor entendimento de como os aspectos inconscientes e subjetivos influenciam os estudantes em seus processos autônomos de construção de conhecimento.

## 2 ESTRUTURA METODOLÓGICA

A pesquisa em andamento, que se encontra na fase de análise de dados, tem como *locus* o grupo de pesquisa denominado Gabinete de Estudos da Informação e do Imaginário (GEDII), da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (ECI/UFMG), e teve como objeto de estudo o projeto “Tutoria científico-acadêmica em pesquisas sobre o fenômeno infocomunicacional: desenvolvendo habilidades investigativas”, iniciado em 2018. A seleção deste grupo considerou os pressupostos do projeto de tutoria (que se alinham ao propósito da pesquisa) que tem como objetivo contribuir para a formação dos alunos, propiciando uma articulação entre a graduação e a pós-graduação.

A pesquisa, de natureza aplicada e de abordagem qualitativa, utiliza como técnicas para a coleta de dados uma entrevista semiestruturada e a elaboração de um desenho seguida de uma entrevista sobre ele, e tem como participantes da investigação cinco estudantes de graduação do curso de Biblioteconomia (quatro bolsistas de iniciação científica voluntária e um bolsista PIBIC-CNPQ), que desenvolveram atividades de pesquisa no projeto em 2018/2019. Pretende-se, com a associação da narrativa e composição gráfica, identificar e compreender a influência dos padrões tipológicos (tomados como padrões de estruturação do imaginário) que possam estar envolvidos na motivação dos estudantes de graduação integrantes do projeto de tutoria, em suas dinâmicas interacionais, durante a realização de atividades de pesquisa.

A premissa que guia o desenvolvimento da pesquisa está sendo explorada com base em uma adaptação feita das obras de Mark e Pearson (2018) e de Pearson e Marr (2007), que descreveram, a partir de uma apropriação livre do conceito sobre arquétipos de Carl Gustav Jung, doze tipos de padrões imaginários denominados pelos autores como arquétipos. Cabe ressaltar que, embora essas duas obras promovam, na proposição desses tipos, uma apropriação simplista e reducionista do conceito de arquétipo desenvolvido por Jung (1991) para torná-los a

base de um sistema tipológico voltado para a compreensão da psicologia individual (PEARSON, 1995, p.13), considera-se possível utilizar essa tipologia de “apreensão de tipos arquetípicos” como instrumento de trabalho no estudo sobre motivações e compartilhamento de informação.

Para tanto, propõe-se, aqui, tomar aquilo que Pearson (1995, p.20), descreve como “metáforas”, “padrões”, “paradigmas controladores”, que “controlam o modo como percebemos o mundo” e que podem ser reconhecidos “dentro e fora de nós”, tanto nas atitudes, fantasias e comportamentos individuais, quanto naqueles objetos externos, que atraem a atenção e motivam o alinhamento de ações na direção deles, dentro da cultura e da sociedade, numa perspectiva prática, retratando-os como uma tipologia do imaginário e não como uma descrição de tipos arquetípicos, como feito pelos autores. Nesse sentido, as expressões tomadas por Mark e Pearson (2018) como arquétipo ou arquetípico foram consideradas, na pesquisa, como perfis ou padrões tipológicos do imaginário, conforme proposto por Paula, Araújo e Silva (2020, Mimeografado).

Ao considerar esses tipos como constituidores do élan (entusiasmo, impulso que vincula os estudantes pesquisados ao processo de iniciação científica), os quais podem se associar às identidades dos estudantes, como elementos estabelecadores de vínculos, e influenciarem as suas ações e os seus comportamentos, pretende-se que essa formulação venha a ser útil para a compreensão e o aperfeiçoamento de iniciativas na formação de pesquisadores e na gestão do conhecimento acadêmico.

### *3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA*

Segundo Pearson e Marr (2007), os sujeitos arquitetam e constroem, para orientar as suas vidas, uma narrativa inconsciente que começa a ser produzida no seu nascimento e que irá ser permanentemente atualizada ao longo de toda a sua existência. De acordo com os autores, isso se dá através de um processo em que tais histórias vão sendo elaboradas a partir de suas vivências e experiências amalhadas ao longo da vida, e que são organizadas e ressignificadas em sua psique pela ação do imaginário.

Embora tenham um conteúdo pessoal e sejam narrados também de forma pessoal, esses conteúdos, como dito acima, são retidos sob a forma de narrativas, que irão se assemelhar a certos “roteiros” recorrentes que podem ser reconhecidos em narrativas de povos e culturas diferentes desde a mais remota antiguidade. Poder-se-ia dizer que, embora o conteúdo (pessoal, cultural, social e histórico) e a forma de contar das narrativas sofram variações, a sua forma e os elementos centrais, que compõe a sua estrutura, acabam seguindo alguns roteiros básicos fundamentais (como, por exemplo, distanciamento do lar, proibição da partida, transgressão da proibição, confronto com o vilão, etc.), que funcionariam como uma espécie de síntese das possibilidades para significar a experiência humana.

Diversos autores chegaram a essa mesma conclusão, em momentos e situações diferentes, ao longo do século XX. Vladimir Propp (1992), Joseph Campbell (1988), Tzvetan Todorov (1979), Christopher Vogler (2002), passando também por boa parte da obra de Carl Gustav Jung (1975 – 1961) e pela Teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand (1921 – 2012), subsidiam o entendimento obtido por Rocha e Paula (2017) de que essa perspectiva de análise irá compor mapas de leitura, que podem ser usados para compreender as formas como os indivíduos atribuem sentido à sua experiência histórica, através da estruturação de compreensões sobre seu ciclo vital, na forma de narrativas. Independentemente do mapa escolhido, pode-se propor que, a

partir do repertório acumulado, em diferentes etapas dessa trajetória existencial, cada indivíduo adquire um padrão único de identidade no imaginário ~~único~~, que Pearson e Marr (2007) irão denominar “identidade arquetípica”.

A respeito dessa trajetória existencial, Mark e Pearson (2018) esclarecem que as impressões retidas na psique influenciam a apreciação do mundo ao seu redor e os atributos que os sujeitos irão admirar nesse mundo (e que isso seria válido desde elementos presentes em obras de arte, em literatura, em obras cinematográficas, ou mesmo em peças publicitárias e marcas comerciais). Essas autoras destacaram que cada obra, de todas essas expressões, teria também uma “identidade arquetípica” em seu conteúdo, e que os elementos dessa identidade evocariam o significado profundo de um arquétipo, tocando o seu público de maneiras diferenciadas dependendo da “identidade arquetípica” que cada um deles traz em si. Os arquétipos, na perspectiva adotada por Pearson e Marr (2007, p.2), são definidos, como “um conjunto universal de papéis, situações e temas, que são reconhecidos por todos” os indivíduos e que definem as suas narrativas de vida em momentos distintos, oferecendo respostas para questões sobre quem eles são, o que eles sentem, a forma como eles interpretam o mundo, se conectam com ele, e o papel que eles desempenham.

De acordo com os autores, ao interagir socialmente com outras pessoas, cada indivíduo expressa, constrói e reconstrói, de maneira inconsciente, em diferentes épocas e lugares, o personagem através do qual ele se retrata, se reconhece e descreve o enredo da história que ele vive - sua narrativa de vida - a partir da vinculação de seu padrão de “identidade arquetípica” com o momento histórico que ele está vivenciando no tempo presente. Nas palavras de Pearson e Marr (2007, p.10), os personagens representariam “partes de nós mesmos”, escolhidos, “primariamente, como aspectos de doze<sup>5</sup> caracteres arquetípicos comuns, que impregnamos com traços e ideais específicos, baseados em nossas próprias vidas”, e o enredo seria tido como uma sequência de eventos, que geralmente marcam uma série de ações” (PEARSON; MARR, 2007, p.39). Assim, na perspectiva dos autores, em diferentes fases da vida, o sujeito encontra-se em um enredo, no qual ele pode se deparar com novos cenários, ou seja, novas situações, oportunidades e personagens, que podem permitir que ele tome posse, ressignifique ou reconstrua a sua história.

Neste encadeamento, os padrões tipológicos (que Pearson e Marr, 2007, denominam em sua obra como “arquétipos”), as imagens e os símbolos a eles associados, por serem constituídos por uma cadeia de significados poderosos, que nutrem e se vinculam à identidade do sujeito, repercutindo na maneira como ele enxerga o mundo à sua volta e se relaciona com outros, tem influenciam a construção e reconstrução da identidade do indivíduo, durante sua jornada de vida. Esse padrão, presente na psique inconsciente do indivíduo é, segundo os autores, incorporado à sua identidade e se manifesta em seu comportamento e em suas ações durante suas interações sociais. Esta vinculação (do padrão tipológico à identidade do sujeito) reflete e potencializa os múltiplos aspectos da sua história de vida, colocando-a em evidência através de sua associação a

---

<sup>5</sup> As autoras chegaram a esse número a partir da análise de uma série de estudos desenvolvidos ao longo de trinta anos por uma delas (Carol Pearson) com indivíduos e grupos (MARK e PEARSON, 2018). A partir desses estudos foram reunidas uma série de relatos desses indivíduos sobre as suas histórias de vida e sobre a construção de suas identidades. Essa variedade de narrativas foi condensada e organizada a partir das referências extraídas tanto das teorias de Carl Gustav Jung, de Joseph Campbell e de teóricos das teorias motivacionais, quanto das narrativas literárias sobre mitos heroicos cujas personagens e padrões de atuação foram confrontados com os relatos das pessoas pesquisadas (PEARSON, 1995).

uma narrativa que põe em destaque a sua individualidade, as suas necessidades individuais, suas motivações mais íntimas e as suas ações, em diferentes fases e situações, ou seja, age permeando as ações do indivíduo e oferecendo contornos muito particulares a tudo aquilo que ele percebe. Essa interpenetração, entre a vida individual concreta e o seu caráter simbólico, irá guiar o que parece fazer sentido no mundo e irá produzir um roteiro, que cresce e pode ser vivenciado, naturalmente, a partir dessa história.

As configurações formadas pelos padrões tipológicos, nas narrativas identitárias, construídas por indivíduos e instituições, por serem fundadas nessas “estruturas psicológicas, refletidas em símbolos, imagens e temas comuns, a todas as culturas e em todos os tempos” (PEARSON; MARR, 2007, p.14), quando corretamente reconhecidas, podem ajudar sujeitos e instituições a direcionarem melhor suas ações e tomar decisões da maneira mais apropriada. No nível individual, esse efeito será proporcionado pelo conforto e senso de propósito, relacionado ao fato das pessoas perceberem que as histórias que elas vivenciam, no momento presente, comportam vários dos elementos narrativos que se estão presentes em relatos repetidos ao longo dos séculos (mitos, lendas, epopeias, etc). Essa vinculação, das histórias pessoais às grandes histórias imaginárias que caminham com a humanidade desde sempre e que afloram em determinadas etapas e situações de sua existência de forma análoga ao que essas histórias proporcionam na cultura, oferecem, a quem as percebe, conforto e propósito diante das angústias e dificuldades da vida cotidiana.

Ocorre que, caso as expectativas colocadas em movimento por esse enredo pessoal se alinhem convenientemente com os conteúdos e o enredo coletivo que compõe a identidade de um grupo ou uma instituição (como uma universidade, uma unidade acadêmica ou um grupo de pesquisa), pode ser criada uma tessitura capaz de servir como um *leitmotiv*,<sup>6</sup> que auxiliaria o estudante na construção de vínculos afetivos com os sujeitos com quem se relaciona, bem como na construção de uma vinculação mais sólida com a vida acadêmica e com a ciência (e, em consequência, com a própria instituição). Consequentemente, propõe-se que, ao identificar os padrões tipológicos (tomados como padrões imaginários), que se manifestam na vida diária dos estudantes, e que se tornaram parte das suas identidades, seja possível – a partir de um olhar atento por sobre suas ações e narrativas, da escuta de seus sentimentos, da observação cuidadosa de seus comportamentos e das atitudes, manifestas nas interações infocomunicacionais – descobrir como eles conduzem suas ações e, dentro dessas ações, o que realmente tem significado e faz sentido para eles.

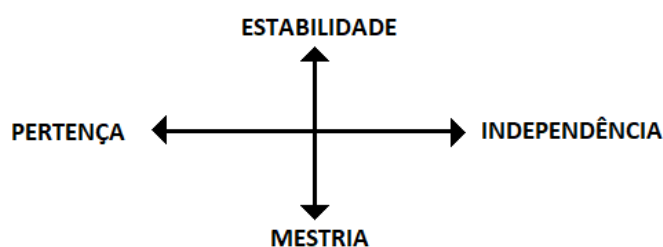
Quando Mark e Pearson (2018, p.28) apontam para o estabelecimento dessa conexão entre as disposições internas dos indivíduos e as situações e objetos externos a eles, as autoras o fazem a partir da descrição de uma relação entre os padrões tipológicos (que elas denominam como “arquetípicos”) e quatro dos impulsos motivacionais descritos pela literatura<sup>7</sup> como característicos da interação dos seres humanos com o seu meio. Esses quatro impulsos, segundo as autoras, compõem dois eixos que agem como motivadores a disputar eternamente a atenção dos indivíduos e os têm como centro: o eixo formado pelos impulsos “Pertencença/Prazer” versus “Independência/Satisfação” e o eixo formado pelos impulsos “Estabilidade/Controle” versus “Risco/Mestria” (Figura 1). Esses impulsos, que se vinculam às identidades tipológicas dos

<sup>6</sup> Ideia ou fórmula que reaparece de modo constante em obra literária, discurso publicitário ou político, com valor simbólico e para expressar uma preocupação dominante.

<sup>7</sup> As autoras propõem um alinhamento das categorias motivacionais propostas por Abraham Maslow, Robert Kegan, Ken Wilber e Erik Erikson.

indivíduos<sup>8</sup> indicam, de acordo com as autoras, as mais profundas necessidades e desejos dos sujeitos, assim como suas ações e seus comportamentos, e se dispõem sob a forma de um mapa de forças atrativas que, disputando a prioridade pela determinação de seus interesses, conduzem as suas tentativas de significar a vida e, conseqüentemente por objetos ou experiências que os permitem executar essa atribuição de sentido.

**Figura 1** – Impulsos motivacionais que caracterizam a interação humana



**Fonte:** Mark e Pearson (2018, p.28).

Ao elucidar essa relação, as autoras salientam que a maior parte dos indivíduos, ao mesmo tempo em que deseja muito ser apreciada e pertencer a algum grupo, quer ter sua individualidade e seguir seu próprio caminho. O desejo de pertencer faz com que o indivíduo queira agradar aos outros para fazer parte de um todo maior, e o de individualidade faz com que ele queira agir por si mesmo, romper com a forma como ele percebe que lhe é imposta a concordância com o coletivo ou agir de modo que desafie a forma como os outros compreendem. Mark e Pearson (2018) destacam que, quando um dos polos está parcialmente atendido pelas ações do sujeito, o outro é ativado e busca compensar o equilíbrio perdido. Igualmente, muitas outras pessoas, ou essas mesmas pessoas, em situações específicas, têm necessidade de estabilidade e segurança, desejam ardentemente manter suas rotinas ou procurar a segurança de situações previsíveis: buscar seu próprio conforto e conexão com tudo aquilo que é testado e garantido. Por outro lado, existem àqueles indivíduos que, impulsionados pela ambição, por um desejo de autorrealização e pelo desejo de exercer a mestria, se arriscam a enfrentar situações novas e abrir-se ao imprevisível.

De modo análogo ao que acontece no eixo anterior, quando as pessoas encontram a satisfação, ainda que parcial, das motivações representadas por um dos polos, o polo oposto é ativado e uma nova busca de equilíbrio é iniciada. Finalmente, as autoras ressaltam que, embora todas as pessoas estejam submetidas à ação desses quatro polos e dos dois eixos de forças, a história pessoal dos indivíduos pode levá-los a centrarem seus interesses na busca de uma combinação específica de motivações ao longo da vida ou a priorizarem uma delas durante um período.

Em suas pesquisas, Mark e Pearson (2018) e Pearson e Marr (2007) encontraram uma conexão relacional entre esses quatro grupos de motivações e doze modelos exemplares de atuação reunidos em uma infinidade de narrativas (mitos, fábulas, obras literárias, artísticas, perfis biográficos, etc). Esses doze padrões tipológicos, expressos sob a forma de perfis

<sup>8</sup> A vinculação das identidades dos indivíduos aos padrões tipológicos estabelecidos por Mark e Pearson (2018) foram denominados por Paula, Araújo e Silva (2020, Mimeografado) como “perfis tipológicos baseados no imaginário”.

descritivos (apresentados de forma esquemática na Figura 2) passíveis de serem associadas aos indivíduos ou às instituições, são denominados como Criador, Prestativo, Governante, Bobo da corte, Cara comum, Amante, Herói, Fora da lei, Mago, Inocente, Explorador e Sábio.

A descrição desses doze tipos é organizada por Mark e Pearson (2018) em quatro grupos que apontam sua relação com os quatro polos dos eixos motivacionais (Figura 2).

**Figura 2 - Perfis descritivos dos padrões tipológicos e motivação**

<b>Motivação</b>	<b>Estabilidade e controle</b>	<b>Pertença e prazer</b>	<b>Risco e Mestria</b>	<b>Independência e satisfação</b>
	Criador/Inovador	Bobo da Corte	Herói/Guerreiro	Inocente
	Prestativo/Cuidador	Cara Comum/Órfão	Fora-da-Lei/Revolucionário	Explorador/Buscador
	Governante/Líder	Amante	Mago	Sábio
Dilema psíquico de significação	Ruína financeira, doença, caos incontrolável	Exílio, orfandade, abandono, ser esmagado	Ineficácia, impotência, desamparo	Cair na armadilha, ser traído, vazio
Alternativa simbólica de resolução:	Sentir-se seguro	Ter amor/comunidade	Realizar-se	Encontrar a felicidade

**Fonte:** adaptado de Mark e Pearson (2018, p.31).

Essa divisão propõe que cada tipo apresenta uma forma específica de resolução do dilema psíquico de significação produzido pela carência gerada pela não satisfação de um polo de necessidades particular e se organizaria em grupos definidos por essa carência:

- anseio por independência e satisfação (Inocente, Explorador/Buscador e Sábio);
- anseio pelo risco e a mestria (Herói/Guerreiro, Fora-da-lei/Revolucionário, Mago);
- anseio por pertença e prazer (Cara Comum/Órfão, Amante, Bobo da Corte); e;
- anseio por estabilidade e controle (Prestativo/Cuidador, Criador/Inovador, Governante/Líder).

Mark e Pearson (2018) e Pearson e Marr (2007) caracterizam os doze tipos, identificados em seus estudos, apontando como cada um desses padrões se expressa sob a forma de perfis nas identidades dos indivíduos bem como os seguintes aspectos que irão detalhar o modo como cada um deles se configura: a) os desejos básicos ou metas, que fazem parte da sua motivação; b) Os interesses e as estratégias que eles utilizam para atingir seus objetivos; c) as manifestações comportamentais, afetivas e cognitivas através das quais o tipo pode se manifestar e d) seus temores, limitações, dificuldades e feridas narcísicas.

A construção da pesquisa em andamento parte da perspectiva conceitual desses tipos como “guias” (PEARSON; MARR, 2007, p.11), que carregam significados e informam o enredo, na história que está sendo vivida pelo personagem (sujeito), em determinadas situações,

no tempo presente. Tem-se como base a ideia dos autores que os sujeitos podem se relacionar melhor entre si, e com os espaços onde se inserem, quando as suas narrativas de vida são reconhecidas e tocadas por esses interagentes e isso acontece porque os padrões tipológicos revelariam quem os sujeitos são, seus traços e convicções. Esse entendimento seria válido a partir da premissa de que cada personagem traz consigo “um conjunto particular de gráficos” (PEARSON; MARR, 2007, p.10) que, atuando dentro do psiquismo, engloba a possibilidade de estruturar a totalidade da sua personalidade naquele momento preciso, do que ela pode vir a ser, assim como a sua conexão com o todo circundante que “atue como diretor de elenco para escolher aspectos de você mesmo mais relevantes para um estágio particular de sua jornada” (PEARSON; MARR, 2007, p.10).

### 3 RESULTADOS PARCIAIS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os achados iniciais da pesquisa, foram identificados por meio das entrevistas e desenho, os perfis tipológicos dos bolsistas do grupo (Figura 3), bem como o do próprio grupo GEDII. Sobre esse último, os elementos identificados, permitiram conferir ao grupo o desenho de Sábio, porém que manifesta contornos de uma identidade mais próxima à dos estudantes, tornando o GEDII, por assim dizer, um Sábio que é “gente como a gente”.

**Figura 3 - Perfis tipológicos dos bolsistas**

<b>Entrevistado</b>	<b>Perfil tipológico</b>
E1	Explorador/Buscador
E2	Herói/Guerreiro
E3	Cara comum/Órfão
E4	Prestativo/Cuidador
E5	Inocente

**Fonte:** Dados de pesquisa

O próximo passo da investigação buscará, a partir das ações realizadas dentro do projeto relatadas pelos bolsistas: a) identificar como ocorre o compartilhamento de informações entre os estudantes, e destes com seus orientadores; b) verificar como os estudantes percebem o compartilhamento de informações com os outros discentes da iniciação científica e com seus orientadores na perspectiva de construção de conhecimento; c) identificar a percepção dos estudantes sobre os vínculos estabelecidos junto ao grupo de pesquisa, seus integrantes e coordenadores pela vivência no contexto da IC e a influência dessa relação na construção do vínculo identitário com a instituição; e d) verificar a possível influência do alinhamento entre os perfis tipológicos dos estudantes e suas motivações para o compartilhamento de informações entre eles e com seus orientadores nas atividades desenvolvidas na iniciação científica.

Espera-se, com base nesses achados, considerando que os estudantes são os principais facilitadores de sua aprendizagem acadêmica e a principal fonte geradora de seu progresso, compreender se o compartilhamento da informação em projetos de iniciação científica, pode ser influenciado pelo alinhamento destes a um dos padrões de estruturação do imaginário, descritos pela tipologia de Pearson, Mark e Marr, manifestos na interação infocomunicacional estabelecida com o grupo de pesquisa e seus orientadores.

- ARAÚJO, E. P. O. **Comportamento informacional em processos decisórios estratégicos: dimensão simbólica do uso da informação por gestores**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AXVN94>. Acesso em: 11 set. 2019.
- CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 1. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1988. 416p.
- JUNG, C. G. Tipos psicológicos. In: \_\_\_\_\_ OBRAS COMPLETAS. Petrópolis: Vozes, 1991. Vol. VI. Disponível em: [https://www.academia.edu/35969527/C\\_G\\_Jung\\_Tipos\\_Psicologicos](https://www.academia.edu/35969527/C_G_Jung_Tipos_Psicologicos). Acesso em: 10 mar. 2020.
- MARK, M.; PEARSON, C. S. **O herói e o fora da lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos**. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2018. 376p.
- PAULA, C. P. A. de. **O símbolo como mediador da comunicação nas organizações: uma abordagem junguiana das relações entre a dimensão afetiva e a produção de sentido nas comunicações entre professores do departamento de Psicologia de uma instituição de ensino superior brasileira**. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://bdpi.usp.br/single.php?id=001473908>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- PAULA, C.P. A.; ARAUJO, E. P. O.; SILVA, A. M. **Metodologia em pesquisas infocomunicacionais: uso de estratégias interdisciplinares simbólicas de investigação na Ciência da Informação**. Belo Horizonte, 2020 Mimeografado.
- PEARSON, C. S. **O despertar do herói interior: a presença dos doze arquétipos nos processos de autodescoberta e de transformação do mundo**. São Paulo: Pensamento, 1995. 355p.
- PEARSON, C. S.; MARR, H. K. **What Story Are You Living?: a workbook and guide to interpreting results from the Pearson-Marr Archetype Indicator instrument**. Gainesville: CAPT, 2007. 166p.
- PROPP, V. I. **Morfologia do conto**. Lisboa: Vega, 1992. 143p.
- QUEIROZ, T. P. **O bom filho a casa sempre torna: análise do relacionamento entre a Universidade Federal de Minas Gerais e seus egressos por meio da informação**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9PRKWC>. Acesso em: 12 set. 2019.
- ROCHA, J. P.; PAULA, C. P. A. A jornada do pesquisador: uma metáfora conceitual sobre a construção da trajetória de um líder. **Prisma.com**, v. especial (Informação e Imaginário), n.34,

p.178-205, 2017. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/3182>. Acesso em: 05 ago. 2019.

SILVA, L. L.; SILVA, A. M.; ZAIDAN, F. H. Reflexões teóricas sobre o comportamento infocomunicacional de utilizadores das redes sociais na internet. **Revista de Informática Aplicada**, v.7, n.2, p.41-60, jul./dez. 2011. Disponível em: [https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_informatica\\_aplicada/article/view/1667](https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_informatica_aplicada/article/view/1667). Acesso em: 6 mar. 2019.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**, Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 31-42. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2018.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 1979. 205p.

VOGLER, C. **El viaje del escritor**: Las estructuras míticas para escritores, guionistas, dramaturgos y novelistas. Barcelona: Ma Non Troppo, 2002. 364p.